

OS DOCENTES E AS CONDIÇÕES DO MAGISTÉRIO NOS ANOS DE 1930

Mariana Batista do Nascimento SILVA*

Resumo: Neste trabalho discutiremos as representações sobre as condições do magistério nos anos de 1930 e de 1940 tendo como fontes de análise as crônicas escritas e publicados no “Diário de Notícia” por Cecília Meireles nos anos de 1930 a 1933, bem como duas reportagens construídas pela autora e publicada na revista. Hoje nas escolas as condições de trabalho nem sempre são favoráveis mesmo em instituições federais; e já em 1930 essa era a realidade e uma preocupação daqueles que se dedicavam aos estudos sobre práticas docentes. A resistência do professorado às novas práticas educativas, a dificuldade em se transformar os velhos modelos escolares, a má remuneração e a falta de condições de trabalho, a exploração do trabalho docente, a falta de participação das famílias, dentre outras questões presentes também nas crônicas de Cecília Meireles. Assim, por meio da discussão das representações sobre a docência e condições do magistério nos anos de 1930 - tendo em vista questões estruturais, salariais, valorização da profissão - objetivamos problematizar a profissão docente.

Palavras-chave: condições do magistério; Escola Nova; Cecília Meireles.

* Doutorado em Educação. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
mariletras@yahoo.com.br

Abstract: In this work we will discuss the representations about the conditions of the magisterium in the years of 1930 and 1940 having as sources of analysis the chronicles written and published in the "Diário de Notícia" by Cecília Meireles in the years of 1930 to 1933, as well as two reports constructed by the author and published in the magazine. Today in schools, working conditions are not always favorable even in federal institutions; and already in 1930 this was the reality and a concern of those who dedicated themselves to studies on teaching practices. The teachers' resistance to the new educational practices, the difficulty in transforming the old school models, the bad remuneration and the lack of working conditions, the exploitation of the teaching work, the lack of participation of the families, among other issues also present in the chronicles by Cecília Meireles. Thus, through the discussion of representations about teaching and conditions of teaching in the 1930s - in view of structural issues, salary, and valuation of the profession - we aim to problematize the teaching profession.

Palavras-chave: conditions of magistrary; New School; Cecília Meireles.

Introdução

“É chocante constatar que as mesmas críticas formuladas em 1932 são quase todas cabíveis ainda hoje” (SAVIANI, 2005, p. 2). Isso também se pode dizer a respeito da atualidade das crônicas escritas e publicadas por Cecília Meireles na “Página de Educação”, no “Diário de Notícias”[†]. Nestes textos, e na “Página de educação” de modo geral, temos relatos e fatos que apontam para a precarização do trabalho docente e a desvalorização do profissional da educação.

A profissão docente é neste período, e mesmo nos dias atuais, associada ao sacerdócio. Em uma das crônicas publicadas na Página aponta-se ser “lamentável” que alguns professores vejam na profissão de professor “um meio honesto, apenas, de ganhar a vida. De ganhar a vida: de ganhar dinheiro”. Embora a questão salarial seja um tópico tratado nas crônicas de Meireles como importante para o trabalho docente e ser esta uma questão defendida pelos escolanovistas, aqueles que estavam na carreira apenas pelos “vencimentos no fim do mês” teriam uma atitude egoísta e

[†] Nas citações usaremos abreviações: PG para “Página de Educação” e DN para “Diário de Notícias”.

desastrosa e não seriam dignos da profissão. Mais uma vez, isso se relacionava à representação do professor por vocação.

Além dos vencimentos, outras questões, como qualidade de vida, devem ser analisadas. Muitos são os professores que adoecem ou que se encontram desmotivados com a profissão e com a formação permanente devido a desvalorização social da profissão. Algumas destas questões e outras serão discutidas a seguir.

Visões sobre o docente e a carreira docente

Sobre a atuação do professor de acordo com sua teoria, Dewey (1979) afirma o professor, para desenvolver as capacidades da criança, precisa conhecer o programa a ser ensinado e colocar o aprendiz em foco. Para esta forma de pensar a educação, com o foco na criança, era preciso transformar também as práticas escolares. Assim, a formação de professores passou a ser uma preocupação para os escolanovistas (SAVIANI, 2004, p.36): para novas perspectivas educacionais, precisava-se de um profissional preparado para isso. Desta forma, questões sobre os

professores foram tratadas em diversos textos de Meireles e, em muitos deles, foi tema exclusivo. Analisando os textos da autora, é possível entender o professor como mediador, aquele que torna possível a concretização das ideias educacionais. Nos textos em análise, podemos compreender quem é este professor nos anos de 1930 e o que professor da Escola Nova precisa para se consolidar, considerando que esta é uma representação tendo em vista o ideário da cronista.

Prédios, salas, materiais diversos, métodos, ideais, deveriam ter como foco o ensino-aprendizagem da criança. Os pais e todos os envolvidos no processo são apontados como fundamentais no processo educativo, em especial, o professor. No trecho da crônica “A formação do professor: conceitos de Kerscheuteiner”, a educação e a figura dos professores são associadas pela cronista. Termos como “vocacional”, “íntimo”, “profundo”, “pura”, “educação da personalidade” são usados para caracterizar o professor”. Ainda nesta crônica o “ser professor” é caracterizado pela sua formação moral: “Se há uma criatura que tenha necessidade de formar e manter constantemente firme uma personalidade

segura e complexa, essa é o professor.”[‡] Isso porque, de acordo com as análises deste tema feitas por Lobo, nas crônicas de Meireles, o professor teria a capacidade de ressuscitar-se diariamente, desiludindo-se e iludindo-se (LOBO, 2001, p.67).

Kercheustein defendia que “o trabalho não é um fim em si mesmo”, ele deve visar a moralidade, a beleza, a libertação etc. devia-se prezar pela formação profissional, moral e social das crianças e jovens. Além disto, “a formação social é vista como o objetivo fundamental da escola popular” e os jovens devem ser ensinados a “colocar-se a serviço dos outros”. (CAMBI, 1999, p. 517) Estas ideias de Kercheustein foram defendidas nas crônicas de Meireles em que esse é citado.

O fato de o professor ser considerado uma figura fundamental no quadro educacional deve-se ao seu direto e permanente contato com a infância e a adolescência e, por assim estar, deveria compreender as inquietudes e a

[‡] MEIRELES, Cecília. A formação do professor: conceitos de Kerscheustein. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/06/1930. Página de Educação. p.6.

complexidade do sujeito nessas etapas do desenvolvimento. Caberia então ao professor orientar, compreender, formar a sua própria personalidade e a de seus aprendizes.

Na crônica “Uma pergunta”, quando, metaforicamente, se discute como a educação moderna deve prezar pelos “olhos abertos da criança”, pode-se perceber ainda esta visão sobre o que é “ser professor” por meio de termos como “donos de gestos luminosos” “de espírito compreensivo”, “sentir as inquietudes dos alunos”. §

O professor assim como o artista nasce com um dom e sobre a atuação do professor na sala de aula e no cenário educacional:

Os professores possuem uma força renovadora que eles mesmos ignoram. Desde que a compreendam e a apliquem, poderão ter a convicção de estar abalando e transformando todos os pessimismos, todos os derrotismos, todos os septicismos(sic) e todas as incompreensões.**

§ MEIRELES, Cecília. Perguntas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1931. Página de Educação. p.6

** MEIRELES, Cecília. Professores e a sua atuação. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26/02/1931. Página de Educação. p.8.

O dom, a vocação, a docência como sacerdócio, sacrifício do educador, permearam e ainda permeiam o pensamento político, cultural e pedagógico no Brasil (ALMEIDA, 2008).

Ao relatar o excesso de alunos em cada turma do ensino primário, escreve Frota Pessoa em reportagem especial para a “Página de Educação”: “Só um apostolado incessante, professado por idealistas de verdade, dignos de receber a unção desse sacerdócio, poderá preparar as gerações que se formam para uma alvorada, ainda assim longínqua.”^{††} Termos como “idealistas”, “unção”, “sacerdócio” revelam a representação sobre a profissão docente ainda presente nos discursos dos escolanovistas.

“O educador não tem o direito de se pertencer. Sua profissão é de exemplo”^{‡‡}, afirma Meireles; os professores mais que um discurso, deveriam cuidar das atitudes. Esta

^{††} PESSOA, J. Frota. Aumento do quadro de adjuntas. *Diário de Notícia*, Rio de Janeiro, 10/09/1930. Página de Educação. p.8

^{‡‡} MEIRELES, Cecília. A consciência dos educadores. *Diário de Notícia*, Rio de Janeiro, 01/10/1930. Página de Educação.

seria uma profissão de renúncias e sacrifícios como destaca a autora na crônica “Sacrifícios do educador”:

Ó verdadeiro educador, aquele que todos os dias está despertando em redor de si as íntimas possibilidades de vida que a infância resguarda, é uma criatura, por muitos motivos, destinada ao sacrifício, à renúncia constante de seus interesses imediatos. Não é o dono de suas alegrias, de seu entusiasmo, da sua liberdade, esse que, no entanto é, essencialmente um fator de liberdade, entusiasmo e alegria.^{§§}

Nesta crônica temos a materialização da representação do professor-missionário, aquele que deve sacrificar-se pela causa. Além disto, percebemos também a crença na exemplaridade moral da pessoa do educador que deveria ter força interna, espírito devotado e policiado. Esta ideia, segundo Pintassilgo (2005, p.64), é recorrente no discurso pedagógico e é incorporada ao pensamento dos professores sobre a profissão docente.

Identifica-se nas crônicas de Meireles a defesa da necessidade de que era preciso respeito aos superiores, não por uma questão hierárquica, mas pelas suas experiências,

^{§§} MEIRELES, Cecília. Sacrifícios do educador. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 /07/1930. Página de Educação.

qualidade e obras. Assim, em primeiro lugar, estão os ideais educacionais, os que colaboram para uma nova educação.

Diferente de outras profissões, o educador não é um “burocrata” nem a escola uma repartição, o educador: sua tarefa é maior:

O educador não é o burocrata que vai à escola como a uma repartição, limita a sua atividade de funcionário a meia dúzia de horas diárias, e respeita o prestígio das autoridades; é a criatura construtora de liberdade e progresso harmoniosos, que, vivendo no presente, está sempre investigando o futuro, porque é nesse futuro, povoado de promessas de vida melhor, que o destino de seus discípulos se deverá realizar com toda plenitude.***

Sobre este tema na crônica de Meireles, Lobo (2001, p.69) considera que esta forma de olhar para o trabalho do professor é “um novo modo de expressão pedagógica” que se opõe à escola burocratizada e hierarquizada que organiza pela autoridade gerada pelo cargo ocupado e sem observar a natureza pedagógica. No entanto, como nas outras crônicas

*** MEIRELES, Cecília. Medida de valores. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01/10/1930. Página de Educação. p.6.

citadas anteriormente, percebemos a representação do professor como aquele que exerce o magistério como sacerdócio – palavras como doçura, entusiasmo, exemplo, doar-se dentre outras que caracterizam a função dos professores remetem à ideia de que os professores devem trabalhar por amor à causa.

Esta visão do magistério ainda nos dias de hoje permeiam os discursos sobre a profissão docente: é preciso vocação para ser professor; não se deve estar na profissão por dinheiro, mas por amor; etc. Em várias crônicas, Meireles considera o magistério uma missão. Esta concepção, de acordo com Pintassilgo (2005, p.61) permeia o campo da educação, uma representação sobre ser professor: aquele que tem um desígnio social, que promove o desenvolvimento, um trabalho sublime; há uma forte associação entre missionário e ação docente, mesmo porque a igreja foi responsável pela promoção da educação, por muito tempo no Brasil.

Condições do magistério

Na crônica “Reforma educacional e as indispensáveis aposentadorias”, Meireles reproduz um trecho de um discurso de Lourenço Filho no qual ele afirma que “o ensino é um trabalho extremamente fatigante; para fugir à fadiga, o mestre vai pouco a pouco perdendo o entusiasmo”. Na crônica (e na fala de Lourenço Filho), o tema é a aposentadoria compulsória. Meireles relata que a medida não era bem vista entre os educadores, mas era necessária para a renovação do magistério e ressalta:

pois não seria muito mais belo que as pessoas com mais de vinte e cinco ou trinta anos de magistério já tivessem chegado – ao menos pela força do tempo – a compreensão de que é belo saber cada um viver o seu momento, e depois de o ter vivido, abandonar o cenário, espontaneamente, deixando atrás de si um aplauso ou uma saudade? (DN/PE, 21/02/31, p. 8).

Segundo Meireles, “admitir-se escola nova com professores há mais de um quarto de século em exercício é uma coisa extremamente difícil”, embora muitos professores

ao longo da profissão se renovem. A instauração de Sindicatos oficiais, após a Revolução de 1930, fomentou a discussão das questões trabalhistas no Brasil e a criação do sindicato dos professores do Ensino Secundário e Comércio do Distrito Federal em 1931 – embora apenas professores do ensino privado fossem filiados uma vez que os funcionários públicos só conquistaram este direito com a promulgação da Constituição de 1988 (VICENTINI, 2009, p. 99) – colaborou para que se pensasse a profissão docente e legislações trabalhistas para ela. De acordo com Vicentini (2009, p. 90-108), a constituição de sindicatos surge da necessidade de fortalecer a classe docente em busca da profissionalização, do reconhecimento social da profissão. A fundação de entidades representativas dos professores estão direcionadas a dimensão coletiva da docência, passam a disputar a posição de porta-voz da classe e a produzir e veicular representações sobre o trabalho docente e a sua posição social.

Na “Página de Educação”, a condição de trabalho do magistério foi apresentada e discutida por muitas vezes. No dia 18 de novembro de 1931, uma das notícias publicadas na “Página de Educação” exemplifica a tensão e a pressão contra

os sindicatos dos professores no início dos anos 1930. O texto foi construído em contraposição ao anúncio publicado em jornais naquele período por uma escola: “contrata-se professor, do ensino secundário, que não pertença ao sindicato. Ordenado de 500 a 800 mil réis. Cartas, etc.”. A autoria da notícia é atribuída a Alfredo Neves, naquele momento ex-presidente da Associação Brasileira de Imprensa; e, por meio dela, temos dados interessantes sobre a profissão docente, caracterizada como “escravidão”; o jornalista ainda elege o sindicato como instância para combater a situação dos professores e auxiliares e acusa as escolas de tentar desarticular o momento sindical, situação esta que se pode verificar ao longo da história da profissão docente. De acordo com Almeida (2006, p. 89), a reivindicação do reconhecimento salarial e a desvalorização social do magistério faziam parte da pauta de reivindicações da categoria e levariam a discussão da criação de uma lei de diretrizes e bases para a educação nacional.

Além disto, as condições de trabalho dos professores não contribuía para a educação. Trinta a quarenta alunos nas salas, revela Meireles na crônica “O indelével convívio”

(DN/PE, 03/07/30, p. 6), na qual ela enfatiza a importância da escuta afinada do professor; mas como apurar a escuta com este número de alunos? O texto de Frota Pessoa, publicado em 22 de abril de 1931, trata da situação do ensino no início dos anos 1930. Nesse texto, informa que a média de alunos frequentes nas classes era de 33 alunos, sendo quarenta matriculados em cada uma, no ensino primário. Tanto Meireles como Frota destacaram que este número não favorecia a ação dos professores. Hoje, temos ainda esta questão como uma das causas de luta dos professores: salas com excesso de alunos (30 a 45) nas escolas públicas, mesmo depois de documentos oficiais apontarem para a necessidade de se ter um número menor.

Nessa mesma notícia, ficou destacado que o número de professores nas escolas municipais não era suficiente. Seria preciso ainda mais de 700 para normalizar a situação naquele momento sem contar com as classes que deveriam ainda ser abertas. Professores ocupavam, ao mesmo tempo, duas funções na escola como direção, vice-direção, auxiliares de inspeção e outras funções. Além disto, mais de 12.800

matrículas de crianças foram rejeitadas por falta de condições de atendimento.

Para Gilberto Villa Verde, “a carga do professor está a formação da mentalidade de um país, e, portanto, um dos primordiais fatores de sua cultura” (DN/PE, 10/03/31). A falta de exigência demonstraria mais uma vez o descaso com a profissão docente. Essa questão continuou a ser um problema ao longo de décadas; segundo Gatti e Barreto (2009), nos anos de 2000 a qualificação dos professores que atuavam na educação básica era baixo, sendo o nível de escolaridade ou formação específica para o magistério ainda um problema.

Na crônica “As condições físicas do professor”, Meireles destaca que são recorrentes as crises de saúde dos professores em decorrência do exercício da profissão. A autora acredita que as enfermidades do professor são ainda mais graves porque refletem no ambiente escolar e na criança. Afirma que “Além dos casos de déficit orgânico geral, que pesam enormemente na sua estatística, há a considerar os de déficit nervoso, talvez os mais importantes, justamente porque são quase sempre os mesmos cuidados”

(DN/PE, 04/06/30). Cecília Meireles discute ainda que as enfermidades do professor levam ao desânimo:

Subitamente, um dia, o professor sente o desânimo da classe. Parece-lhe impossível obter alguma coisa das crianças que lhe estão entregues. Sente abrir-se entre a sua personalidade e a dos alunos um enorme vácuo, onde a sua tristeza cai, sem o preencher. Tudo parece falhar, nas suas iniciativas. Não tem nas suas mãos o interesse da classe. Não a pode encaminhar nas suas inquietudes. Não chega, sequer, a senti-las. E tudo isso é para a sua consciência, vigilante, apesar de tudo, um desgosto de fracasso, uma desilusão de si mesmo e das coisas, principalmente dessas coisas pedagógicas, em cuja complicação esteve empenhado (DN/PE, 04/06/30).

Esse sentimento do professor provaria então os grandes problemas relacionados a indisciplina na escola, Meireles propôs que:

Quando entre o professor e os alunos se abre esse hiato de incompreensão, surge o caos. Porque, se é verdade que a disciplina reside na coesão da atividade, no equilíbrio do trabalho, na harmonia do esforço coletivo, que se encaminha para uma finalidade, nada há mais próprio

para a dissolver que a ruptura de simpatia entre os dois campos que participam dessa colaboração.

A indisciplina irremediável e crescente da classe é um aumento do desespero do professor. Crescem as distâncias entre uma e outra. Iam-se tornando pouco a pouco estranhos; de uma hora para outra podem fazer-se facilmente adversários (DN/PE, 04/06/30, p. 6).

Justamente a inconformidade entre professores e alunos agrava a crise do professor e da sua prática, o professor não mais se governa, “Não pode mais controlar nem gestos, nem palavras, nem pensamentos, nem sentimentos. Perdeu o domínio da vontade. Automatizou-se. E na atmosfera escolar pesa como uma tempestade a completa desorganização da sua saúde”. Essa situação geraria impulsos incoerentes que promoveriam na escola injustiças e violências. Isso seria uma desastrosa influência sobre a infância, sobre construção de seu aspecto psicológico. Para Meireles, as crianças seriam como espelho diante do professor que educa mais com o exemplo do que com as teorias que ensina. Esta questão, tão relevante na educação da criança, não é desconhecida pelos professores que, “porém,

nesse estado de perturbação nervosa continuam a frequentar a escola, dizendo que aquilo é um pequeno distúrbio que facilmente passará! ”.

O que levaria o professor a uma saúde crítica seria questões como “O regime de horário largos, com classes numerosas, com exigências de forças redobradas num exercício criterioso da profissão, levam frequentemente a esse contexto”. Além disto, a situação econômica da maioria do professorado resultava em jornadas duplas ou triplas, “uma grande maioria a sustentar classes particulares antes e depois das aulas públicas”. E, para Cecília Meireles, “Haveria um recurso para tudo isso: uma reorganização que amparasse o magistério, favorecendo-lhe os interesses, protegendo-o e socorrendo-o”. O estranho, para a cronista, era deixar nas mãos de alguns a decisão sobre o que seria de interesse de uma maioria.

Os problemas relacionados às condições de trabalho docente, relatados nas crônicas, são ainda hoje parte do gargalo do sistema educacional. Nos dias de hoje, os professores são mal remunerados e necessitam assumir mais de um turno de trabalho, submetendo-se a jornadas duras e a

falta de materiais, de apoio financeiro e social. Nos anos 1950 e 1951, Cecília Meireles assumiu a direção da Escola Bahia, onde era recorrente e significativo o número de licença saúde^{†††}. Ainda hoje esta é uma dificuldade nas escolas públicas: o número de docentes que adoecem.

Essa é uma ideia que aparece na Página em vários momentos como na Reportagem “Um plano nacional de educação” em que o colaborador da página Raul Gomes ressalta a importância de se ouvir o professorado na construção de diretrizes para a educação, ideia endossada por Meireles na crônica “Problema da educação” publicada no mesmo dia na Página. Os dois textos fazem referência a outra notícia publicada no “O dia” sobre a comissão presente no Rio de Janeiro para a construção do plano nacional de educação. Ideia louvável, mas forma de realização não adequada, além dos professores não serem parte da comissão, os professores primários foram esquecidos naquele projeto.

^{†††} Foi possível verificar esta questão nas fichas de ponto mensais da escola Bahia do período em que Meireles foi diretora; o material está disponível no Centro de Formação de Professores do Rio de Janeiro e são os únicos documentos da escola que não foram destruídos. Na pesquisa de campo ao Rio de Janeiro em setembro de 2013, descobrimos que muitos registros das escolas do Rio de Janeiro foram descartados ao longo do tempo.

Considerações finais

Os problemas relacionados às condições de trabalho docente, relatados nas crônicas, são ainda hoje parte do gargalo do sistema educacional. Nos dias de hoje, os professores são mal remunerados e necessitam assumir mais de um turno de trabalho, submetendo-se a jornadas duras e a falta de materiais, de apoio financeiro e social. Nos anos 1950 e 1951, Cecília Meireles assumiu a direção da Escola Bahia, onde era recorrente e significativo o número de licença saúde⁺⁺⁺. Ainda hoje esta é uma dificuldade nas escolas públicas: o número de docentes que adoecem.

Falta, por vezes, reconhecimento social e intelectual. Essa é uma ideia que aparece na Página em vários momentos como na Reportagem “Um plano nacional de educação” em que o colaborador da página Raul Gomes ressalta a

⁺⁺⁺ Foi possível verificar esta questão nas fichas de ponto mensais da escola Bahia do período em que Meireles foi diretora; o material está disponível no Centro de Formação de Professores do Rio de Janeiro e são os únicos documentos da escola que não foram destruídos. Na pesquisa de campo ao Rio de Janeiro em setembro de 2013, descobrimos que muitos registros das escolas do Rio de Janeiro foram descartados ao longo do tempo.

importância de se ouvir o professorado na construção de diretrizes para a educação, ideia endossada por Meireles na crônica “Problema da educação” publicada no mesmo dia na Página. Os dois textos fazem referência a outra notícia publicada no “O dia” sobre a comissão presente no Rio de Janeiro para a construção do plano nacional de educação. Ideia louvável, mas forma de realização não adequada, além dos professores não serem parte da comissão, os professores primários foram esquecidos naquele projeto.

Acreditamos que um dos caminhos de revitalização da profissão docente seja compreender a trajetória da profissionalização da categoria e promover a reflexão sobre a atuação, a formação e as representações sobre os professores.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

LÔBO, Yolanda. *Cecília Meireles*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

SAVIANI, Dermeval. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval et al. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2006.

PINTASSILGO, Joaquim. A profissão e a formação no discurso dos professores do ensino liceal português. In: XAVIER, Libânia Nacif et al. (Org.). *Escola, culturas e saberes*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VICENTINI, Paula Perin. *História da profissão docente no Brasil: representações em disputa*. São Paulo: Cortez, 2009.